

Guariba sempre escolhe o agronegócio

A mecanização do plantio e da colheita da cana-de-açúcar está mudando o perfil da agricultura e da agroindústria na cidade. Mas todos já escolheram o futuro: de novo, o agronegócio, fonte de 80% da arrecadação anual de R\$ 18 milhões da Prefeitura. Onde o relevo não permitir o trabalho das máquinas, a cana dará lugar na paisagem para a cafeicultura, citricultura e reflorestamento. A mudança é rápida, porque metade dos canaviais, que ocupam 60% da zona rural, já está mecanizada.

O café, por exemplo, saltou de uma lavoura de 107 mil pés para 280 mil neste ano e os eucaliptos tomaram 436 hectares, enquanto laranja, limão e tangerina prometem ser a mais nova alternativa, segundo a engenheira-agrônoma Vera Lúcia Palla, da CATI Regional. “Esse quadro novo vai evoluir, mas Guariba continuará o município onde não se encontra um centímetro quadrado ocioso”, orgulha-se a agrônoma.

A Coplana, uma das maiores cooperativas de produtores de cana do Estado de São Paulo, entra nessa transformação reforçando a posição de Guariba na rota do comércio internacional, que ela já percorre com a exportação de açúcar e acaba de embarcar para a Itália e Austrália 144 toneladas de amendoim de seus cooperados, que também cultivam soja na reforma dos canaviais. “É uma venda experimental e esperamos que seja promissora”, estima o presidente Francisco Baratella. Na conquista do mercado externo, a cooperativa investiu R\$ 1,8 milhão para aprimorar o



A cidade orgulha-se de não ter terras ociosas

Divulgação

beneficiamento e garantir a qualidade do amendoim, com menos de 8% de umidade – exigência dos importadores.

Guariba também é “conhecida lá fora”, como diz sua gente, pela experiência inédita no mundo de reciclar embalagens de agrotóxicos. O programa, com apoio da Cetesb, CATI, Andef, Aenda e Aesp, começou há oito anos na Coplana e já processa entre 40 e 45 toneladas por mês de plástico, vidro e lata. Quase tudo volta ao mercado em forma de conduíte para instalações elétricas, pratos e metais, como arames para cerca. “Hoje, esse trabalho em defesa do meio ambiente é imitado em diversos países e nos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa

Catarina, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Até

2005 será assim em todo o País”, espera o engenheiro agrônomo Wellington Caiado de Castro, diretor da cooperativa e um dos idealizadores do programa.

Para absorver os trabalhadores substituídos pela máquina, além dos programas de treinamento da Açucareira Corona, a maior empresa do município, e das usinas vizinhas São Carlos, São Martinho, Santa Adélia e Santa Luíza, a Prefeitura e a Secretaria da Agricultura, por meio da CATI Regional, abriram duas frentes de investimento. “A mão-de-obra excedente terá à disposição sete hortas municipais conduzidas, inicialmente, por 20 famílias carentes e com afinidade agrícola”, define Vera Lúcia Palla. E o prefeito Hermínio de Laurentis Neto promete para o ano que vem o distrito industrial, numa área de 7,5 alqueires, destinado a abrigar também o comércio atacadista — um entreposto vendedor da produção dos pequenos produtores diretamente aos consumidores. “Esses pequenos produtores terão como incentivo equipamentos agrícolas para motivá-los a desenvolver suas atividades”, afirma.

Motivação que nunca faltou na história de Guariba, nascida sob o signo da ferrovia, em 1895, e que nesta hora de optar por novos caminhos de riqueza escolhe, outra vez, o agronegócio.

População: 31 mil habitantes
Cana: 1,36 milhão de toneladas
Amendoim: 156 mil sacas/25kg
Soja: 76 mil sacas/60kg
Rebanho bovino: misto, de 1.540 cabeças
Abate de suínos: 4.500 cabeças/ano



Agronegócio é uma publicação oficial, mensal, da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto - ABAG/RP, av. Senador César Vergueiro, 540, sala 1, CEP 14020-510, Ribeirão Preto-SP. Fone: (16) 3916-1906. E-mail: abag.rp@netsite.com.br. Diretora-executiva: Mônica Bergamaschi. Jornalista responsável: Valéria Ribeiro, MTb 15.626. Editoração eletrônica: Fernando Braga. Impressão e fotolito: Gráfica São Francisco. Tiragem: 2.800 exemplares

Publicação oficial



Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto

Poluir a água vai custar caro

O secretário de Recursos Hídricos, Saneamento e Obras do Estado de São Paulo, Antônio Carlos de Mendes Thame, fez um alerta no Ciclo de Debates 2001, promovido pela ABAG/RP, sobre a ‘Lei das Águas’ que está para ser votada na Assembléia Legislativa: “O custo da água poluída não será mais socializado. A empresa pára de poluir e fica no mercado ou paga pela poluição que provoca, tendo seus custos elevados até perder a margem de lucro, a competitividade e fechar.”.

Foram mais de duas horas de debate com cerca de cem empresários, diretores, gerentes e técnicos de agroindústrias da região reunidos dia 16 de outubro, no auditório da Associação de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, de Ribeirão Preto. Pela quantidade de água que consome para



Mendes Thame no Ciclo de Debates 2001, da ABAG/RP

Foto Valéria Ribeiro

desenvolver suas atividades, o segmento agroindustrial é um dos mais afetados da economia com a nova legislação, observou o secretário. A cobrança será pelo consumo de água e despejo dos efluentes.

Ele adiantou que o preço do consumo, estabelecido pelo Conselho Estadual de Recursos Hídricos, será de R\$ 0,01 por metro cúbico. Mendes Thame deu dois exemplos: um família de quatro pessoas, que usa em média 800 litros por dia, pagará R\$ 0,24 por mês; uma cervejaria que con-

some um milhão de litros de água por dia pagará R\$ 300,00, mas se não tratar seus efluentes, terá uma conta 100 vezes maior.

O secretário afirmou que para escapar dessa conta elevada, as empresas terão financiamento do BNDES para instalar equipamentos de tratamento da água captada no aquífero e utilizada na produção. Ele garantiu, também, que na agricultura, haverá quatro anos de carência para iniciar a cobrança: “Esse é o tempo para cadastrar as propriedades”, prevê. Na zona rural, a conta será com base na estimativa de água consumida na propriedade. De acordo com Mendes Thame falta só definir se a cobrança será o ano inteiro ou no período da estiagem, como na França.

Editorial

Lei das Dúvidas

A Lei Federal 10.256 (DOU 10/07/2001), que trata da mudança do recolhimento previdenciário na agroindústria, antes 23% sobre a folha de pagamento e agora 2,85% sobre o faturamento bruto, entrou em vigor no dia 1º de novembro despejando sobre o setor mais um caminhão de carga tributária. A nova lei, além de inconstitucional, chega repleta de dúvidas, que deixam o governo sem saber como cobrar e o empresário rural, como pagar.

Algumas empresas, na tentativa de descobrir como honrar mais esse compromisso imposto ao setor produtivo, fizeram simulações e concluíram que terão de pagar o dobro com a mudança. Como a “10.256” não pede regulamentação, chega ao setor como o enigma: “Decifra-me ou te devoro”. Mas quem é capaz de decifrá-lo?

Por exemplo: a cobrança vai incidir sobre as expor-

tações? Qual será a base de cálculo sobre os produtos estocados? E sobre os subprodutos? Em que situação se enquadra a energia gerada a partir da biomassa? Essa nova lei caracteriza uma bi-tributação? Que conceito define uma agroindústria, objeto alvo desta lei?

Nesse emaranhado de dúvidas, governo e empresários só têm uma certeza: a “10.256” resolveu o problema da fiscalização, reduziu o custo da máquina arrecadadora e barateou o trabalho do governo, mas ameaçou, outra vez, ao onerar ainda mais os custos de produção, a competitividade do agronegócio brasileiro.

Não custa lembrar que este é o único setor superavitário da balança comercial brasileira. Em tempos de “exportar ou morrer”, será que algum mercado externo está interessado em comprar mais impostos?

Mônica Bergamaschi

No futuro desses jovens, o Agronegócio



Nas agroindústrias da região de Ribeirão Preto, trabalham profissionais de 36 carreiras de nível universitário. Esse mundo de oportunidades abertas pelo agronegócio começa a ser descoberto por estudantes de escolas públicas, graças ao Programa Educacional “O Agronegócio na Escola” da ABAG/RP, em parceria com a Diretoria de Ensino da Secretaria Estadual da Educação em Jaboticabal. Em outubro, cerca de mil alunos iniciaram o programa de visitas a empresas associadas da ABAG/RP.



A maioria jamais viu uma agroindústria e muitos nem sabem que, ao sair da universidade com que sonham, podem entrar numa empresa que existe na mesma cidade onde moram. Eles constataram que só não há espaço numa agroindústria — por enquanto — para os colegas que desejam ser atores, músicos, pilotos de caça ou astronautas... Estão com quinze anos, cursam a primeira série do Ensino Médio das sete escolas envolvidas pelo Programa Educacional nas cidades de Guariba, Jaboticabal, Monte Alto e Pradópolis.



Esses adolescentes perceberam que sempre gostaram do que viram nas visitas. Afinal, café, soja, milho, cana, gado, amendoim, óleos vegetais, açúcar, álcool, ração, co-geração de energia e leite e derivados fazem parte da vida de cada um desde que nasceram. Mas jamais imaginaram que, hoje, para preparar (e preservar) a terra e o meio ambiente, cultivar, criar, produzir e distribuir quase tudo o que vêm nos supermercados, shoppings ou em anúncios exige muito estudo, para se fazer cada vez mais e melhor.



Muitos mudaram de idéia depois da visita, quase todos sentem que



Fotos Valéria Ribeiro

o caminho da faculdade que querem fazer termina no agronegócio. Ou continua, como disse o professor de Educação Artística Rafael Apolinário da Cunha, que os acompanhou e logo vai se aposentar: “Isso que vejo aqui me dá uma grande esperança no Brasil; nunca nosso País teve tantas oportunidades para os jovens como estas que eles encontram, agora, no campo e na agroindústria.”

A experiência que cada um tem com a profissão que pretende seguir é pequena, ainda. Como estudantes de escolas públicas, têm pouca chance de viajar, para a cidade vizinha que seja, ou de acesso à informação e ao conhecimento sobre as profissões. Só agora a Internet entra na vida deles e nem todos têm computador em casa. Talvez por causa dessa falta de familiaridade, justifiquem a escolha apenas porque “gostam” da profissão pretendida. A profissão preferida, principalmente entre as meninas, é Medicina Veterinária, mas o motivo, por enquanto é um só: “Gosto de cuidar de animais”. E não conseguem encontrar explicação para outras escolhas: gostam e pronto. Assim como,

Caminhos

Administração de Empresas
Biblioteconomia
Biologia
Bioquímica
Ciências da Computação
Contabilidade
Direito
Ecologia
Economia
Enfermagem de Alto Padrão
Engenharia Agrícola
Engenharia Agrônoma
Engenharia Civil
Engenharia de Alimentos
Engenharia de Produção
Engenharia Elétrica
Engenharia Eletrônica
Engenharia Florestal
Engenharia Industrial
Engenharia Mecânica
Engenharia Química
Farmácia
Fisioterapia
Fonoaudiologia
Jornalismo
Medicina
Medicina Veterinária
Nutrição
Odontologia
Pedagogia
Psicologia
Publicidade
Terapia Ocupacional
Secretariado
Serviço Social
Zootecnia

um tanto surpresos, às vezes bastante interessados, anotam o que vêem e ouvem, mas na hora de definir a visita, resumem: “É importante, porque a gente aprende”.



A professora de Biologia Regina Brunini, que acompanhou uma das turmas, aposta no programa de visitas: “É uma oportunidade rara que eles têm para se decidir profissionalmente.”. Mas a professora de Física e Matemática Roseli da Silva confessa que os estudantes, de modo geral, estão desmotivados, diante de um mercado de trabalho escasso: “Tenho certeza de que depois do conhecimento adquirido nesse programa, verão que as chances são bem maiores do que eles pensam.”. E a professora Marielza Businaro, de Química, compara: “Os alunos julgam que, mesmo com diploma de faculdade, não haverá trabalho. São de escola pública, mas têm potencial igual aos outros e são muito criativos. Esses jovens só não têm oportunidades.”.



Oferecer oportunidades

É exatamente esse o grande objetivo da ABAG/RP com o projeto “O agronegócio na escola”: levar a realidade para dentro da sala de aula ou a sala de aula

para a realidade. Somente assim será possível ampliar os horizontes, oferecer perspectivas, resgatar valores e, principalmente, fazer que os estudantes conheçam e se orgulhem da região onde vivem.



O projeto dá oportunidade para que os adolescentes formem suas próprias opiniões a respeito do setor agroindustrial. Não se trata de convencimento. Alunos e professores estão conhecendo a realidade tal qual ela é, sem fantasias ou preconceitos relacionados às atividades do campo. Todos, sem exceção, se mostraram surpresos com o tamanho e a diversidade do setor. Nem sequer se lembravam de que a região nasceu, cresceu e continua se desenvolvendo com o pé fincado no agronegócio. A relação de dependência campo/cidade, onde um não vive sem o outro, é fruto de absoluta sinergia que resulta em riqueza para a região, geração de empregos, arrecadação de impostos, desenvolvimento cultural, social e ambiental. É só pensar um pouco na história da humanidade. Todos os países ricos tiveram a agricultura como base de desenvolvimento e até hoje reconhecem e defendem

“De tudo o que existe por aí (computação, eletrônica, administração...), nada é mais importante para o mundo do que a agricultura.”

sua importância. É difícil dizer se defendem suas agriculturas porque são fortes ou se são fortes porque defenderam suas agriculturas no passado.

Esses professores e alunos são testemunhas de uma realidade muitas vezes distorcida e até mal interpretada.

Oferecer a eles esta oportunidade é valorizar a imagem do agronegócio, objetivo que permeia o trabalho da ABAG/RP. Afinal de contas, o setor é responsável pelo equilíbrio da nossa balança

comercial, respondendo diretamente por 40% das exportações brasileiras e por 37% dos empregos do país. Mas quem viu pela primeira vez um mercado de trabalho aberto, diversificado e dinâmico renovou a esperança de jamais desistir do futuro.

comercial, respondendo diretamente por 40% das exportações brasileiras e por 37% dos empregos do país. Mas quem viu pela primeira vez um mercado de trabalho aberto, diversificado e dinâmico renovou a esperança de jamais desistir do futuro.

Megie Augusto Wambak, de Jaboticabal, comparou e decidiu: “De tudo o que existe por aí (Computação, Eletrônica, Administração...), nada é mais importante para o mundo do que a agricultura. Escreve aí: a Humanidade sempre vai depender dela para existir. Eu vou fazer Agronomia”.

Megie Augusto Wambak, de Jaboticabal, comparou e decidiu: “De tudo o que existe por aí (Computação, Eletrônica, Administração...), nada é mais importante para o mundo do que a agricultura. Escreve aí: a Humanidade sempre vai depender dela para existir. Eu vou fazer Agronomia”.



A origem do sucesso do agronegócio está no conhecimento da natureza